

GRANDE LOJA MAÇÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



A Verdade

ANO LXVIII - Nº 547 - Novembro / Dezembro de 2021 **Revista Maçônica**

RUMO AOS

100
ANOS



1927

2027

A Escada de JACO

◆ Construindo catedrais
e criando conexões ◆



Chegamos ao fim de mais um ano. Apesar de ainda não poder ser considerado um “ano normal”, 2021 foi bem melhor do que o seu antecessor. O avanço da vacinação contra a Covid-19 e a população mais acostumada com as medidas de segurança e higiene para combater a pandemia permitem que cultivemos um clima pujante de esperança e otimismo, o que não estava tão evidente no final de 2020. Como dizem os sábios: tudo passa!



Por esse motivo, a gratidão é o sentimento que quero ressaltar com a proximidade das festas de fim de ano. Temos muito a agradecer, sempre, mas em tempos de agruras e dificuldades, as vitórias são ainda mais valorizadas e comemoradas. E nesse momento, a vida é a nossa principal vitória, pois muitas pessoas, entre elas, amigos e familiares, não tiveram, infelizmente, a mesma oportunidade que nós.

A dádiva da vida tem como objetivo geral, se não o principal, oportunizar o progresso do indivíduo, seu aprimoramento moral e espiritual. Nossa obrigação é tentarmos ser melhores pessoas hoje do que fomos ontem e ainda melhores amanhã, em relação ao que somos hoje. E essa tarefa, esse lapidar da pedra bruta, é realizada diária e paulatinamente. Melhorando-nos, conseguimos extravasar boas energias e bons exemplos para o ambiente ao nosso redor e contagiar as pessoas com as quais convivemos. É o mesmo princípio de uma loja maçônica. O aprendizado que a Sublime Ordem nos oferece entre Colunas deve sustentar, externamente, a construção de uma sociedade melhor, transcendendo as paredes do templo, para tornar mais feliz a Humanidade. Esse é o nosso trabalho, o qual tem uma exigência individual, mas que é proporcionado pelo coletivo, pois o Grande Arquiteto do Universo ajuda os homens através dos homens. E tenho visto essa premissa bastante presente enquanto estou à frente da Glesp.

Nesse ano que se finda, tivemos a oportunidade de passar por muitos aprendizados. O trabalho foi árduo, pois precisamos superar obstáculos e desafios que não estavam no planejamento inicial. Mesmo assim, alcançamos muitas conquistas, e a Glesp seguiu sua trajetória de crescimento, de modernização, rumo ao seu centenário, figurando entre as maiores Potências Maçônicas do planeta. Participaram dessa vitória inúmeros irmãos, membros da administração ou não, que não mediram esforços para que todos os projetos fossem realizados da melhor maneira possível. Ver os irmãos ombreados em busca de um objetivo comum, visando a um bem maior, a coletividade, é a essência que a Maçonaria enseja. É isso que buscamos em nossa gestão.

Desejo que, no ano vindouro, tenhamos saúde em abundância, trabalho digno, que não nos falte o sustento de nossa família. Que possamos, em 2022, ser cada vez mais conscientes do valor inestimável do maior bem que possuímos, que é a vida, pois nos proporciona a possibilidade de fazer, a cada dia, um futuro melhor, com amor, paz e fraternidade.

Bom Natal, boas festas e um ótimo e profícuo Ano Novo!

Fraternalmente,

Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Antonio Soares da Fonseca Junior (L. 551)
Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

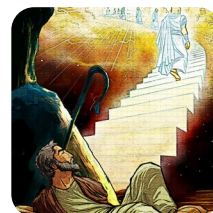
E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.



A Escada de Jacó

No painel da Loja de Aprendiz, a escada está sobre uma base sólida, e esta pode ser interpretada como a sephira Malkuth – o reino denso do mundo material, onde reina o indivíduo e seu individualismo.



4
Capa

Construindo catedrais e criando conexões

As catedrais medievais resistem ao tempo e mexem com o nosso imaginário. A história das construções das catedrais medievais está intimamente conectada ao legado que nos foi deixado pela Maçonaria Operativa.



10



30

Sabedoria, Força e Beleza

Na posição de Aprendiz Maçom, devemos visualizar nossa obra, avaliando e refletindo o antes e o depois, para assim perceber que temos trabalhado em uma construção que vai se encaixar em uma obra muito maior.



14

Sois maçom?

Se a pergunta fosse “Estais maçom?” ou “Pareces maçom?”, qual seria a resposta correta? O verbo ser, diferentemente dos outros, demonstra uma condição permanente, inata, imutável.

Criador e criatura

O homem é um animal que precisa evoluir para se completar, possui algo divino, que são as faculdades racionais. A beleza dessa jornada está na busca de Deus, mesmo sabendo que nunca ninguém O encontrou, porque se O encontrasse, a jornada terminaria aí.



16



34

Egrégora

Segundo as doutrinas que aceitam a existência dessa energia coletiva, ela está presente em todas as coletividades. Agregação, como descreve o Dicionário Aurélio, é reunir-se, congregar-se, juntar-se, associar-se, viver em união, em harmonia.



20

O universo do maçom

A palavra Universo foi usada, inicialmente, por Cícero e, posteriormente, por outros autores. A interpretação linguística que se faz dessa palavra é “tudo girando como um” ou “tudo girando através de um”.

O mito de Teseu e o Minotauro e o Iniciado

Na antiguidade, os mitos tinham o papel de transmitir conhecimentos e, consecutivamente, valores, modelos de conduta moral e formação humana, fornecendo chaves simbólicas que elevavam a condição humana.



24

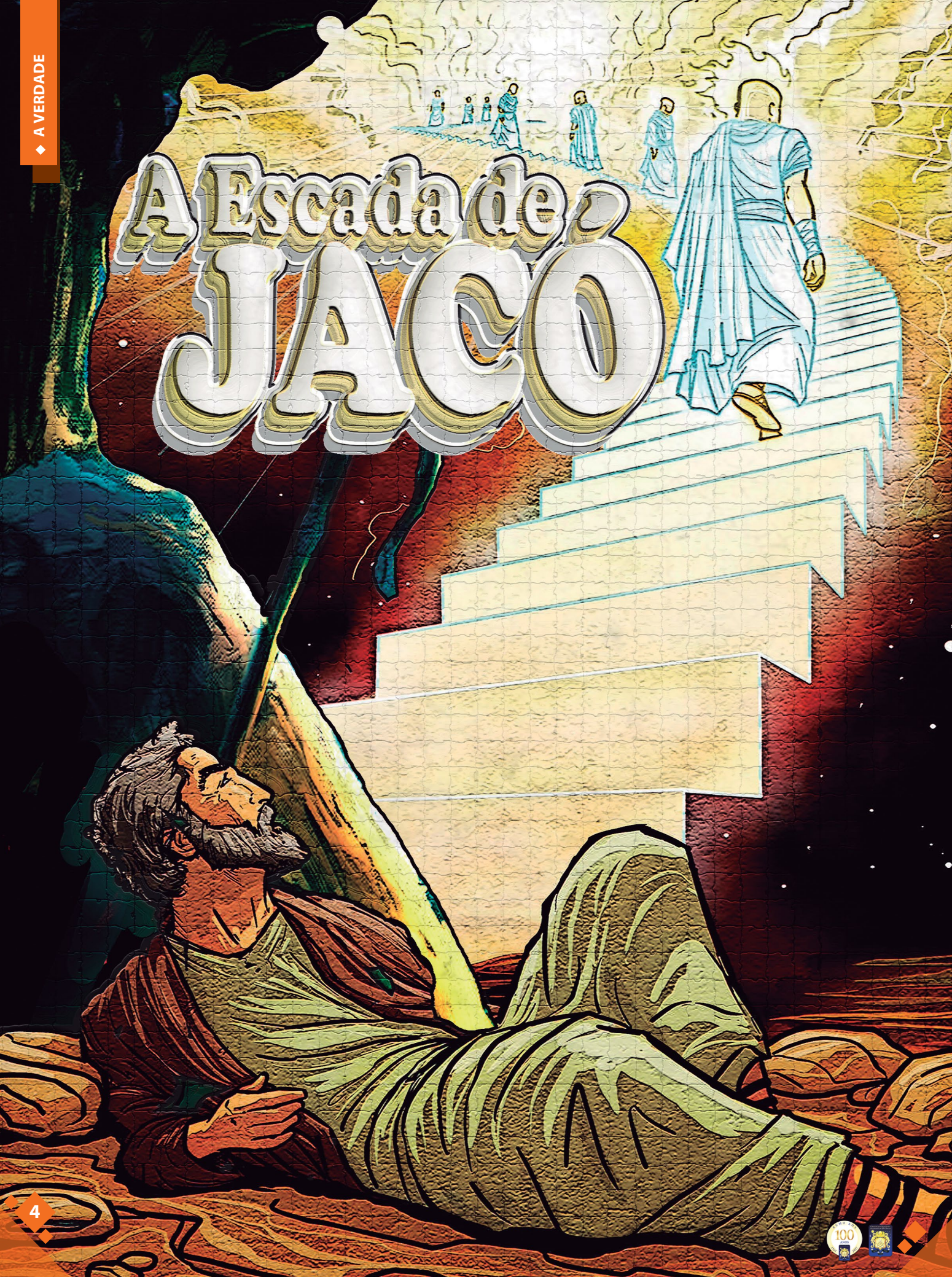
Virtude

Como somos livres, o nosso livre arbítrio maçônico foi e é nosso guia. Atuar maçonicamente significa vibrar positivamente em atos e ações – solidárias e cooperativas – desenvolvidas no mundo profano.



26

A Escada de JACO



Irmão Pedro Aurélio Lemes da Silva

Loja Dr. Roberto Martins de Barros, 691

Oriente de Taubaté

Incio este trabalho fazendo o mais básico proposto pela Segunda Instrução: observando o painel da Loja de Aprendiz. De forma geral, no painel, existem três colunas, sendo a primeira a ser alcançada aquela que representa a força; a próxima é a sabedoria, e a terceira, formando o ponto mais distante do triângulo, a beleza. A escada se posiciona no meio desse triângulo formado pelas três colunas, ligando o chão quadriculado ao céu estrelado (ou o Ocidente ao Oriente), onde, em seu topo (que esmaece dando a impressão de ser infinita), existe uma estrela setenária (estrela de sete pontas).

A escada está posicionada entre o Sol (a sua esquerda) e a Lua (a sua direita). Ela está colocada sobre uma estrutura de aparência sólida como a base de uma coluna, possuindo o compasso e o esquadro no seu início (sobre essa base) e em sua extensão possui uma cruz, uma âncora em seu meio e o que parece ser uma mão com pão e um cálice em seu ponto mais alto, abaixo da estrela setenária.

Nesse ponto, após descrição, interpreto a simbologia da Escada de Jacó me baseando no misticismo judaico: a Cabala. Subamos então através da escada.

A Árvore da Vida é composta por 10 esferas (sephirot – plural de sephira) dispostas em três colunas (e aqui, percebo o motivo da localização da escada entre as três colunas no painel). Ligando as sephirot, existem 22 caminhos, sendo cada um destes associado a uma letra do alfabeto hebraico e um arcano maior do tarô,

respectivamente.

Essa organização é um modelo que foi criado para compreensão da mente ocidental, já que, na forma da cabala judaica mais tradicional, não existe um modelo representativo gráfico padrão, sendo vista de diversas formas, inclusive no Menorah. Esse diagrama complexo, mas extremamente estável e universalmente aceito (inclusive nas escolas de cabala judaica), nos mostra que partindo da sephira Malkuth (o Reino, o mundo da matéria densa) até a sephira Kether (a Coroa, o mundo da emanção divina e sutil), todos os 22 caminhos existentes levarão obrigatoriamente em algum momento – seja mais curto ou mais extenso – até Kether; e esta pode ser a explicação sob a luz da cabala do ditado popular: *“Todos os caminhos levam a Deus”*.

A árvore organizada com suas sephirot e caminhos fica visualmente parecida com uma escada, onde se pode ver nitidamente três degraus: um localizado entre Hod e Netzach, um entre Geburah e Hesed e o outro entre Binah e Chokhmah. Desta feita, é compreensível que Jacó tenha associado a visualização de uma imagem parecida com essa, com uma escada, já que a sua mente só poderia associar a um objeto que lhe fosse familiar.

Quando as Sagradas Escrituras citam que a escada tocava do chão ao céu (podemos associar a extensão de Malkuth a Kether) e os anjos descendo e subindo através dela, demonstram o fluxo da energia e comandos divinos que seguem de Kether a Malkuth (densificação da energia) e de Malkuth a Kether (sutilização da energia), em

um constante fluxo de subida e descida.

No painel da Loja de Aprendiz, a escada está sobre uma base sólida, e esta pode ser interpretada como a sephira Malkuth – o reino denso do mundo material, onde reina o indivíduo e seu individualismo. Em loja, vejo associação física à Sala dos Passos Perdidos, no extremo ocidente.

O primeiro símbolo acima de Malkuth é o símbolo maçônico do Compasso e o Esquadro, posicionado onde seria a sephira Yesod. Yesod é a nona esfera (o número 9, resultado de 3×3 ; ou de $3 + 3 + 3$; ou ainda de $3 + 6$). Os números 3, 6 e 9 são considerados sagrados por diversas religiões e chamam a atenção de tantas filosofias e pensadores, como foi com Nikola Tesla. Yesod é também a sephira da Fundação (associada à Lua) e remete ao plano astral, que está acima do mundo material. Fisicamente, vejo associada à Porta do Templo, e tal associação delimita a Maçonaria como iniciando no mundo astral, totalmente acima do mundo material e denso, apesar de atuante nele da mesma forma que Yesod está acima de Malkuth, mas possui ligação direta e influência sobre este.

Existe uma linha divisória horizontal (como um degrau de escada) entre Malkuth e Yesod, chamada Véu de Nephesh. Este véu é o que separa o mundo das sensações físicas e emoções humanas do mundo astral e mais sublime.

Subindo a escada através da coluna central que representa a beleza e o equilíbrio, podemos perceber sutilmente como a beleza habita no equilíbrio e vice-versa. Através dela, alcançamos a sephira Tipheret, associada ao número 6. É justamente nesse ponto da escada do painel que podemos ver a cruz, símbolo da fé humana. Tipheret é considerada a sephira mais importante, por ser a responsável pelo equilíbrio de toda a árvore e

por isso é associada ao Sol, cujo símbolo astrológico é um círculo com um ponto no meio. Essa sephira mescla e harmoniza os fluxos de amor e misericórdia vindos de Chesed com a disciplina e rigidez oriundos de Geburah, assumindo assim uma terceira dimensão – a dimensão da verdade, que não é nem amor nem disciplina e por isso pode integrar os dois.

A verdade é acessada através do desprendimento do ego e suas predisposições, permitindo perceber uma verdade mais elevada (metafísica). A verdade vem, então, fornecer um quadro claro e objetivo das nossas necessidades, bem como das necessidades de outros. O desequilíbrio entre amor e disciplina é resultado de uma perspectiva subjetiva e, por consequência, limitada.

São três (número 3, não por mera coincidência) as imagens associadas à Tipheret, segundo a ocultista Dion Fortune: uma criança (Deus menino), um rei majestoso (Deus pai) e um Deus sacrificado (Deus filho).

Essa sephira, portanto, é associada à própria figura de Jesus, bem como outros mitos de igual valor (como o de Osíris) e aos irmãos Mestres Maçons, outras associações devem ter sido feitas mentalmente nesse ponto, nas quais não ousarei entrar nesse momento. Vejo Tipheret localizada fisicamente, em loja, no Altar dos Juramentos. Uma observação cabalística a respeito dessa passagem bíblica da escada de Jacó é que, em todo esse capítulo, cada versículo inicia-se sempre com a letra V (do hebraico VAV), cujo valor numérico é 6 (mesmo número de Tipheret) e também compõe o tetragrama. Para melhorar a visualização, trouxe a primeira palavra de cada versículo em hebraico transliterado em negrito, que está entre parênteses na transcrição do trecho bíblico a seguir:

*Partiu (**vayetse**) pois Jacó de Berseba, e foi-se a Harã;*

*E chegou (**vayfēga**) a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por sua cabeceira, e deitou-se naquele lugar.*

*E sonhou (**vayachalom**): e eis uma escada era posta na terra, cujo topo tocava nos céus: e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela;*

*E eis que (**vēhineh**) o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque: esta terra, em que estás deitado, te darei a ti e à tua semente;*

*E a tua (**vēhayah**) semente será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua semente serão benditas todas as famílias da terra;*

*E eis que (**vēhineh**) estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra: porque não te deixarei, até que haja cumprido o que te tenho dito.*

*Acordado (**vayyqats**) pois Jacó do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar: e eu não sabia.*

*E temeu (**vayyra**), e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus. (Gênesis 28:10-17)*

A letra VAV tem formato parecido com um gancho (como os ganchos de prata que prendiam a cortina do tabernáculo do Templo de Salomão). Ela representa o Homem assim como o número 6: o homem foi criado no sexto dia; o homem trabalha durante seis dias e descansa no sétimo; o número da besta no apocalipse é identificado como o “número de um homem” – 666.

Sendo pois, Jesus comparado a Yesod, fica

um pouco mais claro porque às vezes é chamado de Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem nas escrituras.

É entre as sephirot Yesed (Lua) e Tipheret (Sol) que fica o segundo véu, chamado Véu de Parokhet ou o Véu do Templo, aquele que foi rasgado quando Jesus, o Cristo, ressuscitou, alcançando assim a totalidade da ressurreição em Tipheret.

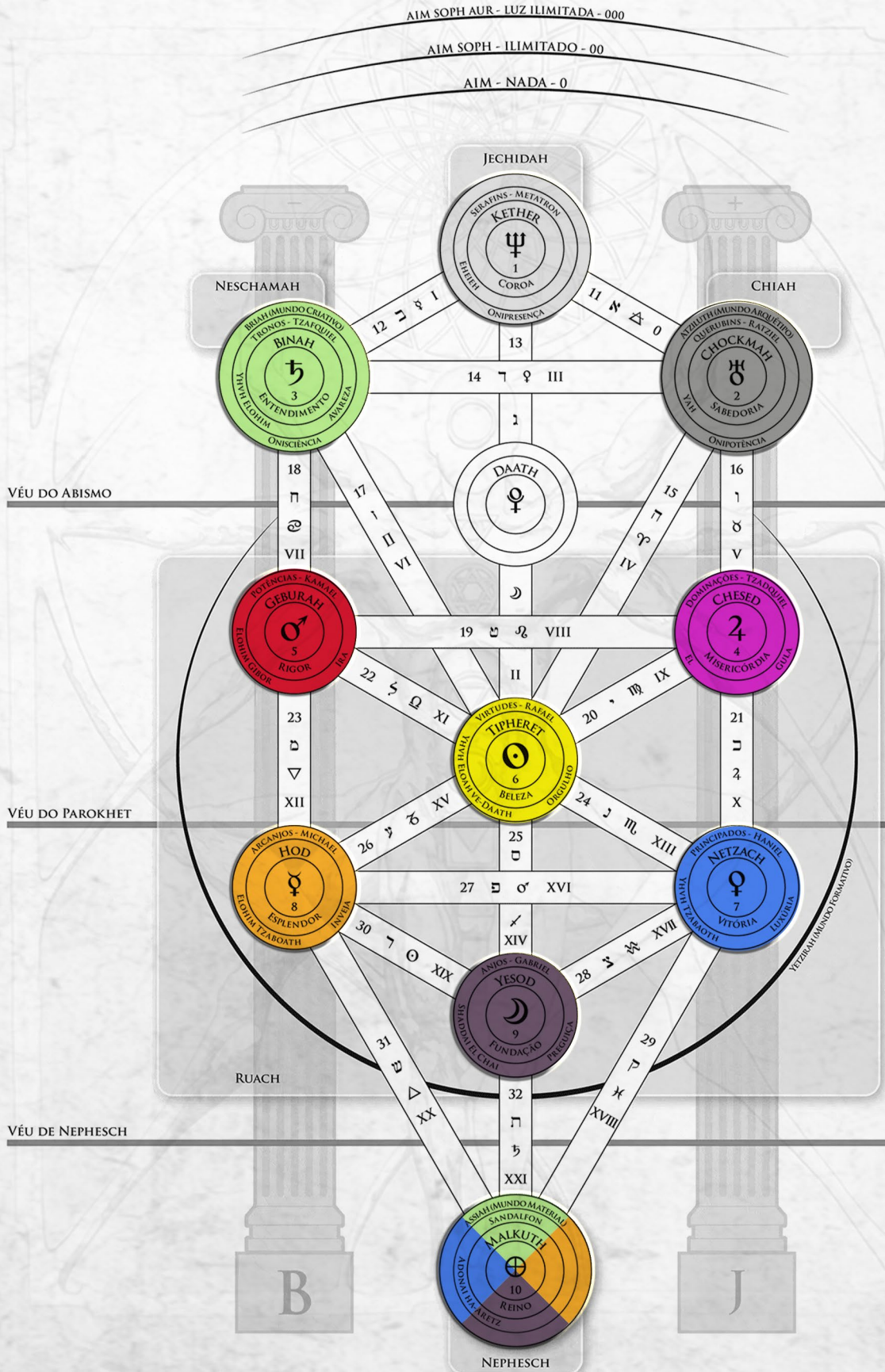
Seguindo ainda pela coluna central da escada, temos a sephira oculta de Daath ou o conhecimento. Essa sephira não possui número, mas se for contada, seria a de número 11 (resultado de 10 – Malkuth – acrescido de 1 – Kether), o que indica que essa é a soma de todas as sephirot da árvore da vida e que, portanto, o conhecimento do qual ela trata é um estado místico de recepção direta da luz divina (vinda de Kether). Na escada ilustrada no painel, seria a localização da âncora, a Esperança, e, em loja, estaria fisicamente no Altar dos Perfumes.

Aqui, é importante abrir parênteses conforme indicação do irmão Rizzardo da Camino:

“O Incenso não é tradição maçônica; no entanto, é usado em certas cerimônias. A maioria das lojas queima incenso antes do início do trabalho para ‘emprestar’ ao ambiente uma atmosfera de misticismo; aliás, isso é necessário para a formação da Cadeia de União, a qual já nos referimos anteriormente” (CAMINO, 2018, p. 63).

Mas da mesma forma que o irmão Rizzardo cita essa “inexistência” do incenso, também cita que os tabernáculos e templos hebraicos da antiguidade utilizavam incenso como uma alegoria de representação à coluna de fumaça que, de dia e de noite, guiava o povo hebreu quando fugiram do Egito.

Essa existência/inexistência do uso do incenso é



uma característica inerente à Daath, que é considerada a esfera não esfera e, por isso, geralmente aparece representada por um tracejado, indicando que está ali mas não está. Em algumas

representações da Árvore da Vida ela nem chega a constar no desenho, mas é sempre considerada naquele local.

Daath é onde fica o terceiro véu, o Véu do

Abismo. Chama-se Véu do Abismo porque o abismo de Daath só pode ser vencido por quem passou por Tipheret e lá queimou totalmente o Ego no calor solar desta sephira. Aqueles que tentam atravessar o véu do abismo com algum ego podem se perder eternamente em suas trevas abissais.

Novamente, encontramos aqui uma frase para explicar cabalisticamente: “Ninguém vai ao Pai (Kether) senão por mim (Tipheret)”, disse Jesus.

Finalizando a subida da escada, chegamos em Kether, o topo. Kether é a sephira que representa a chama divina, o número 1 e a unidade indivisível. A primeira letra do tetragrama (e por prudência também não me alongo neste tema por hora). Sendo Kether o extremo Oriente e portanto o oposto completo de Malkuth no extremo Ocidente, chegamos ao símbolo das mãos e do cálice, que representa a caridade. Ora, se Malkuth é a sephira do individualismo, Kether, em seu oposto, é a união de todos em uma única consciência – a Divina –, e, portanto, a caridade está localizada nesse ponto, pois nela se perde (ainda que em parte) os limites do “meu” e do “seu”, assumindo o “nosso”. Em loja, vislumbro a posição do Trono de Salomão, onde toma lugar o Venerável Mestre.

Ao chegar no topo da escada, não alcançamos Deus – apesar de nos aproximarmos muito da fagulha d’Ele que vive em nós. A esfera mais alta (Kether) de uma Árvore da Vida é a esfera mais baixa (Malkuth) da próxima árvore (ou estágio evolutivo). É nesse ponto que vem um dos significados dos anjos que “subiam e desciam” a escada de Jacó, e, nesse mo-

mento, encontramos razão quando se fala que ao chegarmos no mais alto grau, tornando-nos mestres, passamos a ser novamente aprendizes (do próximo estágio).

Por fim, é perceptível que a própria Árvore da Vida, como representada graficamente, se divide em três colunas, das quais só me apoiei na coluna central para não estender demais o trabalho.

Objetivamente, a coluna da esquerda é de natureza ativa, é a via do rigor, da força e disciplina, que muitas vezes culmina em um caminho doloroso, mas que ainda assim pode conduzir ao céu (Kether), e, por isso, o Sol, ativo, quente e masculino, está à esquerda da escada no painel. Já a coluna da direita é a de natureza passiva, é a via da misericórdia, do amor, da sabedoria, por onde, através de um amor pleno e de misericórdia constante, pode-se também chegar ao céu (Kether). Isso justifica o posicionamento da Lua (passiva, fria, feminina) no painel, à direita da escada.

Novamente, nos salta aos olhos um ditado popular: “Se chega a Deus pelo amor ou pela dor”. Sim! Pode-se ir de Malkuth a Kether por ambas as colunas – do rigor ou da misericórdia.

Assim, se evidencia que a via central (representada pela escada de Jacó), a qual utilizei neste trabalho para subir até o céu de Kether, funde ambas as colunas em um perfeito equilíbrio, sendo associado à consciência do ser, a qual, plenamente desenvolvida, nos traz toda sua Beleza de união da Força e da Sabedoria.

Por fim, que consigamos sempre trilhar a Escada de Jacó pelo caminho do meio! ◆

Referências Bibliográficas

DA CAMINO, Rizzardo; e DA CAMINO, Odéci S. *Vade-mécum do Simbolismo Maçônico*. São Paulo: Madras, 2018.

FORTUNE, Dion. *A Cabala Mística*. 1935. A Sociedade das Ciências Antigas. Disponível em: <https://bit.ly/3FOPUHo>. [Acesso em 05/10/2020]

SENDER, Tova. *Iniciação à Cabala*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

URBANO JUNIOR, Helvécio R. *Manual Mágico de Kabbala Prática: um livro de sabedoria kabbalística judaica*. Minas Gerais: Edições Tipheret 777, 2007.

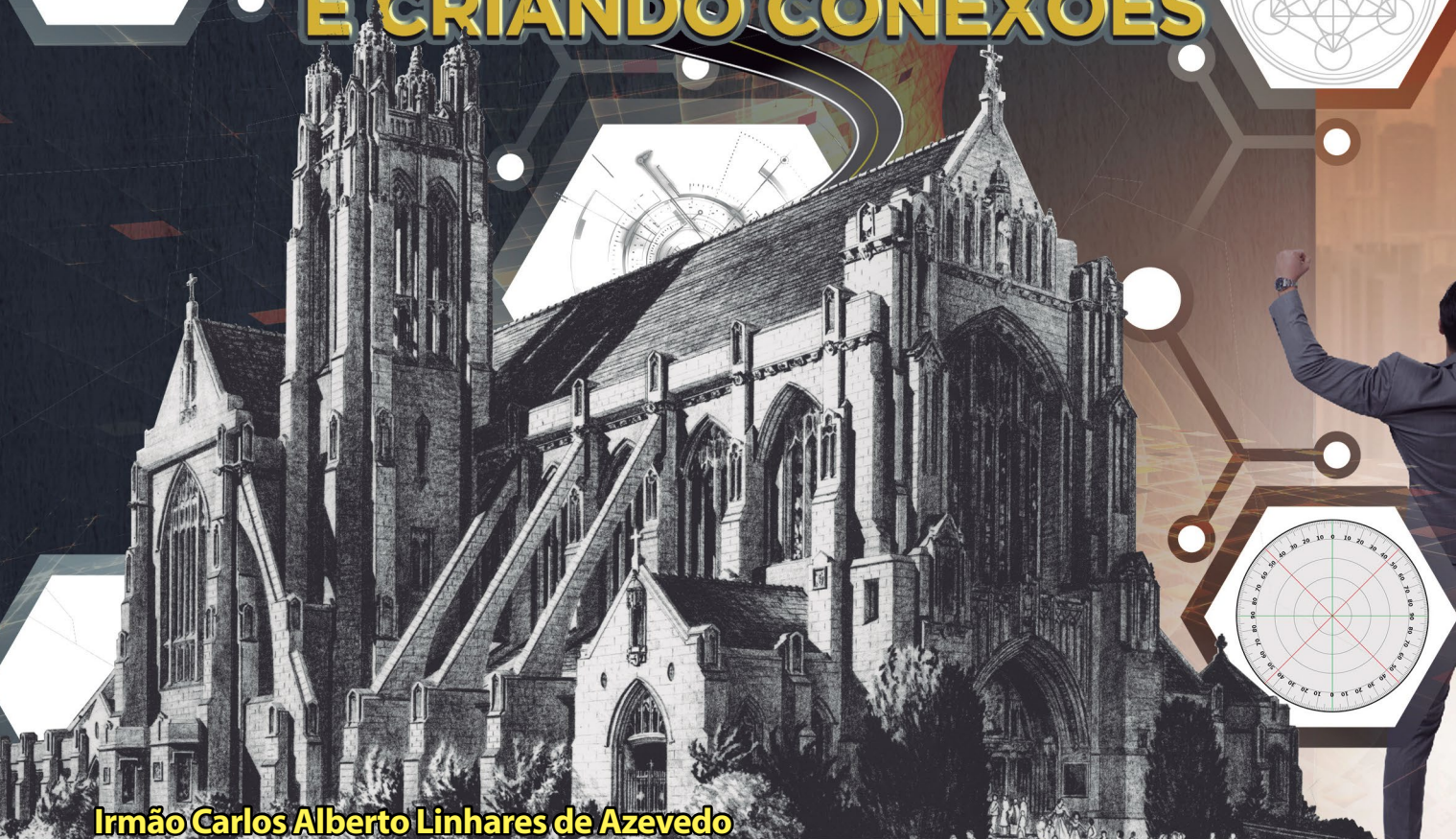
A Bíblia Sagrada – tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo. 1981. Editora Vida. Ritual do Simbolismo. Ritual Aprendiz Maçom REAA. São Paulo: Glesp, 2019.

Tipheret. Associação Israelita de Beneficência Beit Shabad do Brasil. Disponível em: <http://www.chabad.org.br> [Acesso em 05/10/2020].





CONSTRUINDO CATEDRAIS E CRIANDO CONEXÕES



Irmão Carlos Alberto Linhares de Azevedo
Loja Cavaleiros de Jacques DeMolay, 654
Oriente de São José dos Campos



As catedrais medievais resistem ao tempo e mexem com o nosso imaginário, sendo impossível esconder a admiração ao contemplar essas verdadeiras páginas vivas da história.

A história das construções das catedrais medievais está intimamente conectada ao legado que nos foi deixado pela Maçonaria Operativa, e focando nessa conexão, o presente trabalho objetiva levar os leitores à reflexão sobre o conhecimento que aqueles obreiros, praticamente analfabetos, empregavam nas construções, aflorando as raízes de uma sociedade que antecedeu a moderna Maçonaria.

Como ponto de partida na busca de respostas sobre o conhecimento na arte da construção empregada pelos maçons operativos, recorreremos à literatura que todo iniciado maçom, obrigatoriamente, deitará os olhos durante seu caminhar no aprendizado na Maçonaria. O ritual contendo as instruções de cada grau.

No Ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito praticado nas oficinas filiadas à Grande Loja do Estado de São Paulo, logo no início da primeira Instrução do Grau de Aprendiz Maçom, nos deparamos com a seguinte afirmativa:

“A Maçonaria no Século XVIII restabeleceu dentro de nossas Lojas a tradição dos ensinamentos esotéricos ministrados nos Santuários Egípcios e continua transmitindo-os aos iniciados”.

É diante dessa afirmativa colocada na primeira pedra assentada no canto nordeste de nossos templos que iniciaremos nossa reflexão sobre o conhecimento da Maçonaria Operativa na arte da construção, segredo tão bem guardado na época pelos nossos antecessores.

A civilização egípcia detinha o conhecimento da matemática e da geometria, fato esse verificado através dos vários papiros descobertos ao longo do tempo, dentre os quais destacaremos dois em particular, o de Rhind e o de Moscovo.

O Papiro Rhind, mantido no Museu Britânico de Londres, foi escrito no ano de 1650 a.C pelo escriba Ahmes e contém diversos cálculos envolvendo aritmética e geometria, constituindo-se em um dos documentos mais importantes da matemática egípcia.

O Papiro de Moscovo, que se encontra no Museu Pushkin, em Moscou, é de autoria desconhecida, foi escrito em 1890 a.C e, da mesma forma, contém também diversos cálculos matemáticos complexos.

Ainda como parte documental de sustentação ao conhecimento inserido em nossos rituais, encontramos em documentos históricos ligados à Maçonaria Operativa (Manuscritos das Antigas Constituições ou *Old Charges*), entre os quais destacamos o *Poema Régius de 1390*, também conhecido como *Manuscrito Halliwell*, e o *Manuscrito Cooke de 1410*, narrativa que afirma estar a origem da Maçonaria ligada à Geometria de Euclides, que a teria criado no Egito e ministrado seus ensinamentos, sendo posteriormente difundido por toda parte.

Toda essa farta documentação histórica lastreia a afirmativa que os obreiros operativos eram dotados de conhecimentos especiais da arte da construção proveniente do Antigo Egito, arte essa também conhecida como “Geometria Sagrada”, que se utilizavam de formas geométricas específicas para formarem disposições arquitetônicas harmônicas.

As Guildas

Os maçons operativos formavam associações, chamadas Guildas, que existiam por toda a Europa e viveram seu ápice durante o período conhecido como Baixa Idade Média (século X ao século XV), protegiam o conhecimento compartilhando-o apenas entre seus membros, sendo as admissões possíveis somente através de juramento de manter silêncio sobre tudo que aprendessem.

As guildas apresentavam diferentes categorias de profissionais da construção (ferreiros, marceneiros, carpinteiros, artesãos etc.) e viriam a ter uma regulamentação formalmente aprovada no ano de 924, por intermédio do rei Athelstane, que criou a primeira regulamentação das guildas dos maçons e, ao promover na cidade de York a realização de Assembleia Geral da sociedade dos construtores, oficializou a primeira Constituição Maçônica para a Inglaterra, conhecida como *Constituição de York de 926 d.C.*, fortalecendo e expandindo a ordem dos construtores por toda a Europa.

Contudo, no século XI, ocorre o declínio do sistema feudal, tornando a população enfraquecida pela fome, o que, juntamente com a Peste Negra, provoca alto nível de desemprego e o êxodo de mão de obra para os centros urbanos em busca de melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida.

A construção de catedrais e castelos se tornava uma das poucas opções para os trabalhadores. A Igreja Católica era, juntamente com as monarquias, uma das principais instituições medievais, influenciando as sociedades na organização econômica, social, cultural e política, e aproveita-se da grande quantidade de trabalhadores desocupados e com conhecimentos especiais, usando-os para a construção de grandes catedrais e castelos.

A imponência das catedrais da Idade Média é um marco de alta espiritualidade, mas também de domínio e demonstração de poder. Por ser o homem

medieval temente a Deus, a religiosidade exerceu forte influência nas corporações de ofício, sendo durante muito tempo essa aproximação e comprometimento com o Clero permissiva, inclusive interferindo em seus regulamentos.

As Construções das Catedrais

O estilo Gótico desenvolveu-se na Europa durante a Baixa Idade Média, e a primeira catedral construída foi a de Saint-Denis, em Paris, no século XII, seguida de várias outras de grande importância, dentre as quais destacamos Notre Dame e Chartes, também na França.

Através das fontes históricas anteriormente citadas, sabemos que nessas construções sempre estavam presentes as mãos da Maçonaria Operativa, conduzidas por um mestre hábil na arte da construção e no domínio de seus mistérios. Era o mestre que conhecia os segredos e orientava os companheiros e aprendizes na execução das construções.

Era a luz do conhecimento que, vindo do Oriente através dos discípulos de Euclides, orientava os mestres em seus ofícios, construindo obras que iriam dar luz à humanidade. Eram segredos ligados à matemática e à geometria.

Para os construtores das catedrais góticas, a geometria era o caminho para a união entre o plano material e o espiritual, a relação entre o microcosmo e o macrocosmo, era o caminho para o entendimento pleno de um dos princípios do *Caibalion*, onde o Três Vezes Poderoso Hermes Trismegisto afirmou que o que está no mundo em baixo (microcosmo) reflete o que está no mundo em cima (macrocosmo). A construção da catedral gótica refletiria, portanto, a harmonia entre os planos terreno e celeste.

Para nossos irmãos operativos, essa ligação entre os dois planos era regida por leis de harmonia e proporção, construídas através da geometria sagrada, conhecimento esse de pleno domínio dos maçons operativos.

A geometria sagrada era a bússola que orientava os construtores das catedrais góticas e possibilitava ao homem entrar em harmonia com o Grande Geômetra. Para Vitruvius, “sem simetria e proporção, não pode haver princípios na concepção de qualquer templo”.

Das proporções observadas nas construções das catedrais góticas, a Razão Áurea foi a mais utilizada nas várias obras sagradas, como o Templo de Salomão, as pirâmides do Antigo Egito e tantas obras “mágicas” construídas ao longo da história. Da mesma forma, um templo maçônico deve ter sua construção harmonizada pela Razão Áurea, de forma que seja possível obter os mesmos efeitos pretendidos pelos construtores das catedrais góticas.

O conhecimento vindo do Antigo Egito parece inesgotável. Além da geometria e da matemática, havia pleno domínio do poder evocatório dos símbolos, sistematicamente inseridos em suas construções através de imagens e pinturas, conhecimento transmitido aos iniciados e possivelmente chegado às guildas maçônicas, as quais, por intermédio de seus obreiros, as inseriram em suas construções.

Há uma imensa semelhança entre a simbologia contida nas catedrais góticas e as inseridas nos templos maçônicos, e a Semiótica tem nos mostrado que um símbolo não é algo isolado, mas a codificação de ideias e mensagens.

Em 1646, foi iniciado um dos primeiros maçons não operativo, o alquimista e rosacruz Elias Ashmole, que resgatou a tradição dos antigos mistérios e veiculou-os através dos símbolos e alegorias na alteração dos rituais, permitindo, dessa forma, a prática ritualística em sua essência.

O ritual é uma prática cerimonial que tem o poder de conduzir, através de uma manifestação simbólica, seus participantes a transporem a fronteira entre o consciente e o subconsciente, permitindo a decodificação das informações contidas no mesmo,

restabelecendo conexões e permitindo que a loja entre em harmonia com o Grande Arquiteto do Universo.

Então, no momento em que colocamos nossos pés no pavimento de mosaico da loja e olhamos toda a simbologia inserida no templo, estaremos prontos para iniciar a abertura do portal mágico que nos ligará ao Grande Arquiteto do Universo. Aliás, Platão dizia a seus discípulos que, com treinamento, era possível se comunicar com o reino espiritual e descobrir a verdadeira natureza dos símbolos.

A energia gerada pelo uso da geometria sagrada nas construções dos templos, agindo sinergicamente com a simbologia inserida em sua ornamentação e conduzida através de uma perfeita prática ritualística, é o que permitirá decodificar a mensagem de nossos antecessores, fortalecendo a egrégora da Loja e beneficiando energeticamente todos os seus membros.

Deixo para reflexões o pensamento de Otto von Simson (1912-1993), historiador de arte alemão:

“E foi com o compasso que o próprio Deus veio a ser representado na arte e literatura góticas, na qualidade do Criador que compôs o universo segundo as leis geométricas. É apenas observar estas mesmas leis que a arquitetura torna-se uma ciência no sentido agostiniano. E ao submeter-se à geometria, o arquiteto medieval sentiu que estava a imitar a obra do seu divino mestre.” ◆

Bibliografia

- *Matemática Sagrada no Antigo Egito* (José Carlos Fernández)
- *A catedral gótica* (Otto von Simson)
- *Arquitetura Cisterciense - Espiritualidade, Estética, Teologia* (Duarte Nuno Morgado)
- *A Geometria das Catedrais Góticas e Neogóticas* (Maria Antonia Benutti)
- *A Escola de Chartres e a Radicação do Quadrivium* (Jorge Filipe N. S. Teixeira Lopes)
- *Entre o imaginário e o vivido – as representações dos pedreiros na catedral de Chartres* (Debora Santos Martins)
- *Geometria Sagrada* (Nigel Pennick)
- *Cosmogênese, Geometria Sagrada e os Símbolos da Tradição* (Hugo Martins)
- *Os Segredos das Catedrais* (Suzana Lakatos)
- *Capítulos de História Maçônica* (H. L. Haywood)
- *A Simbologia Maçônica nas Igrejas* (Daniel Petry)
- *Divindade no Tratado da Obra dos Seis Dias, de Teodorico de Chartres* (Ricardo da Costa)



SABEDORIA, FORÇA E BELEZA

Irmão Glauco Della Vega

Loja Cinquentenário, 192 – Oriente de Santo André

Sabedoria, Força e Beleza. Qual é o real significado dessas palavras? No mundo profano, existem vários significados, mas como Aprendiz Maçom, elas se revelam como sustentação de nossa loja, sendo as três grandes colunas de nosso alicerce.

Remetem-nos aos princípios básicos que devem dirigir o aprendizado maçônico: Sabedoria – para, através do discernimento, dar orientação

aos nossos atos e pensamentos; Força – que deve ter todo o maçom para superar as adversidades do mundo profano e aprofundar-se mais e sempre nos Augustos Mistérios da Maçonaria; e Beleza – item importante e que deve estar sempre muito bem enraizado no coração de todo o maçom, para que sejamos instrumentos de proliferação do amor emanado através do Grande Arquiteto do Universo.

Essa tríade entra em equilíbrio quando descobrimos também, no interior de nossas lojas, as luzes, dentre elas, o Sol. Representando o Grande Arquiteto do Universo, está sempre simbolizando toda a glória e esplendor do Criador, aquecendo-nos com seus raios energizantes e curativos, não apenas do corpo, mas principalmente, da alma.

O que me leva a refletir sobre a fé no Grande Arquiteto do Universo. Esperança na salvação e caridade para todos os homens, pois, pelas nossas doutrinas, somos ensinados a crer na benevolência da Divina Providência, crença que reforça a nossa fé, que, naturalmente, cria em nós a esperança de nos tornarmos participantes das promessas abençoadas descritas em nosso ritual.

O maçom que possui essa virtude (a Caridade), no mais amplo sentido, pode considerar como tendo atingido um grau mais alto em sua obra. Obra essa que se inicia com o desbaste da pedra bruta, o primeiro dos degraus da escada de Jacó, elevação que requer sacrifícios, dedicação e estudo.

Mas antes de desbastar a pedra bruta, o Aprendiz precisa encontrar a sua pedra, conhecê-la e, principalmente, reconhecer as imperfeições dela, pois, sem isso, ficará cego e sem saber o que fazer.

Na posição de Aprendiz Maçom, devemos visualizar nossa obra, avaliando e refletindo o antes e o depois, para assim perceber que temos trabalhado em uma construção que vai se encaixar em uma obra muito maior. E isso só será alcançado com um árduo e consistente trabalho sobre a pedra bruta.

Em loja, teremos todos os recursos para que isso seja feito. O Pavimento Mosaico, que com seus quadrados brancos e pretos remete o maçom à humildade que lhe deve ser inerente pe-

rante as mais variadas representações da fé no Criador, orientando-o para o caminho da tolerância e do desapego dos preconceitos, quando se deparar com conceitos diversos de religiosidade, mas que, não representando nenhuma afronta às Leis Maçônicas, devem ser respeitados e vistos como a exteriorização do amor ao Grande Arquiteto do Universo.

A Orla Dentada, simbolizando o princípio da Atração Universal a nos unir cada vez mais, nos mais variados níveis de convivência social, seja em nossos círculos de amizade, de família ou de fraternidade em torno de nossa loja e com nossos irmãos em todo o mundo, através do Amor Fraternal.

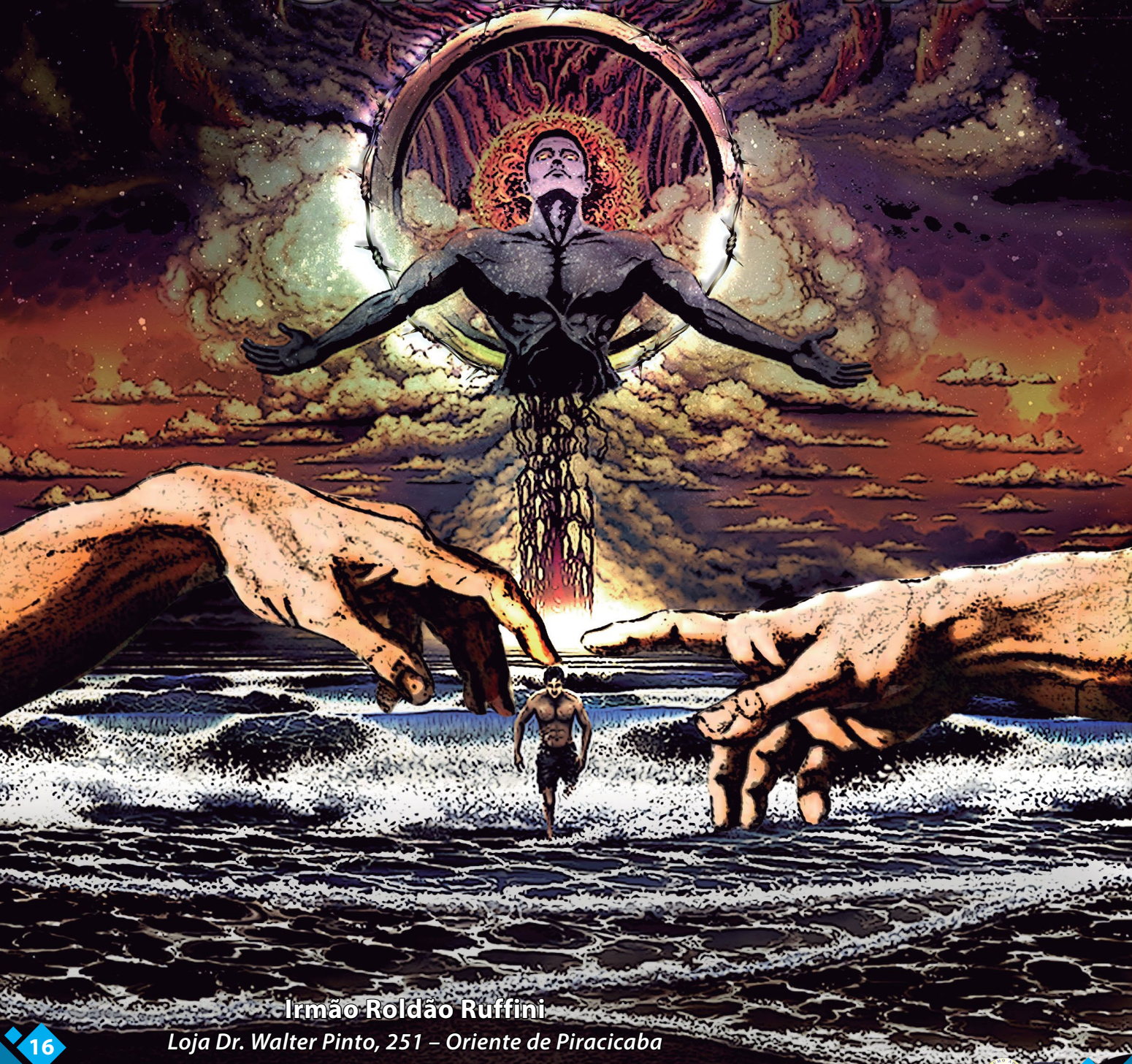
O Esquadro e o Compasso, cujas pontas ocultas nos lembram que, enquanto não estiver completo o nosso trabalho de desbastamento da pedra bruta, jamais poderemos usá-lo.

O Nível e o Prumo, que se autocompletam e devem sempre coexistir, para que através da justiça, imparcialidade e observância dos regulamentos maçônicos os homens estejam sempre em posição de igualdade

A Prancheta da Loja, utilizada pelo Mestre na orientação dada ao Aprendiz rumo ao aperfeiçoamento na Real Arte.

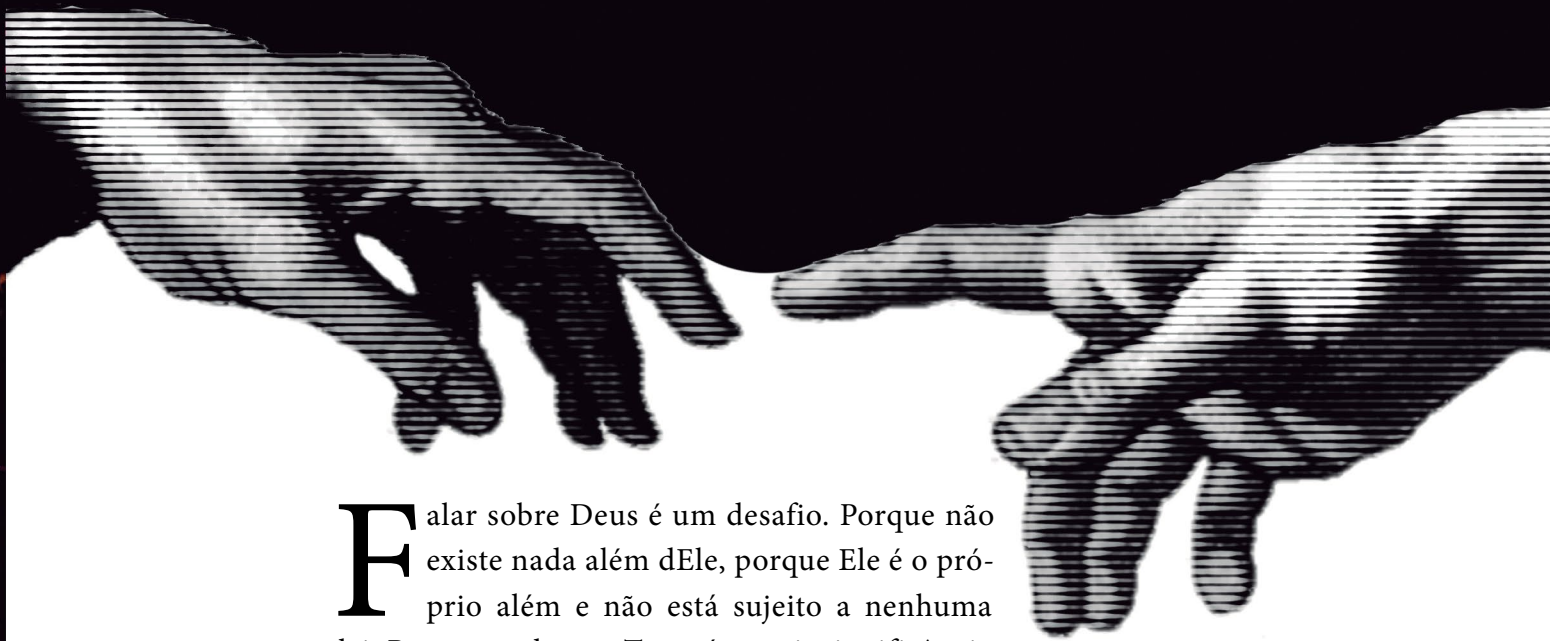
Enfim, posso relatar todas essas ferramentas, porém, meu trabalho, hoje, tem como escopo dividir com vocês, meus amados irmãos, que esse porto cujo solo tem origem divina será a recompensa de uma vida de entrega, desapego e trabalho na construção de templos à virtude e masmorras ao vício e às trevas, as quais, infelizmente, permeiam nossa vida, mas que são sempre vencidas quando em contato com a Luz e a grandiosidade do Grande Arquiteto do Universo. ◆

CRIADOR E CRIATURA



Irmão Roldão Ruffini

Loja Dr. Walter Pinto, 251 – Oriente de Piracicaba



Falar sobre Deus é um desafio. Porque não existe nada além dEle, porque Ele é o próprio além e não está sujeito a nenhuma lei. Porque o planeta Terra é uma insignificância cósmica, e nele estamos há apenas seis milhões de anos, enquanto o Universo é infinito, assim como sua história. Pouco sabemos sobre a origem desta civilização humanizada e muito menos o que virá depois dela.

Tudo no Universo é extremamente complexo, seja uma gota d'água ou um oceano, e tudo funciona dentro de uma perfeição matemática e cada ser é um universo em miniatura. Tudo está conectado no todo como formas de energia, desde as partículas da física quântica até os corpos celestes manifestando-se em nível atômico pelo aspecto partículas ou como ondas magnéticas, ou ambas simultaneamente.

A preparação deste planeta para facilitar a chegada e a evolução do homem foi muito severa: choque de placas tectônicas, meteoros, vulcões, terremotos, incêndios e extinção de competidores.

Nós, seres humanos, somos produto do resultado de bilhões de variáveis num determinado momento, e seria muita pretensão achar que tudo isso foi gerado a partir de meras coincidências, pois cada cromossomo humano contém o equivalente a uma biblioteca com milhares de livros ou milhões de páginas. Estamos dentro de um corpo que espia o mundo lá fora e interage com ele por meio da consciência.

Nossa presença e poderes em relação ao Universo é ínfima, estática e imutável, incorporada nas regras divinas de um Ser Absoluto, onde não existe o seu contrário, nem começo, nem fim, pois isso implicaria na existência de um outro ser superior ao que estamos falando, então, só nos resta fazer suposições.

Uma bela definição desse enigma está no Livro de Êxodo (3:14), onde Moisés dialoga com Deus e pede que Ele se identifique para que o povo acreditasse, ao que Ele respondeu: “Eu Sou aquele que Sou”. Revelou dessa forma enigmática sua identidade e continuou invisível.

Nenhuma crença, religiosa ou não, conseguiu desvendar a figura de Deus, Aquele que criou tudo e com ciclos de renovação sucedânea. Nessa harmonia, equilíbrio e perfeição, está a assinatura autoral da obra, representada por uma sequência algébrica de números constantes aplicada em todos os reinos da natureza, chamada de “proporções áureas”, usadas na arquitetura e nas artes desde a Antiga Grécia e do Antigo Egito.

Continua o Criador a monitorar tudo o que existe no infinito Universo ou, após a sua criação, fomos abandonados à própria sorte até que novos eventos nos substituam? Nunca o sabermos, assim como nunca vai ser possível saber se esse projeto foi único ou se houve outras opções descartadas. Partindo-se do funcionamento do livre-arbítrio e da consciência, é aceitável imaginar que somos vigiados 24 horas todos os dias ou isso seria apequenar a divindade?

Para a Humanidade, o evento mais importante na trajetória do Universo foi a introdução do homem no planeta Terra, há alguns milhões de anos. Sua evolução passou por muitos desafios e experimentações até chegar no padrão que somos hoje. Tudo aconteceu como se nos dissessem: “agora é a sua vez, mostre o que tem de melhor”.

Todos os seres vivos desse planeta passam por uma seleção natural rigorosa e implacável que até nos parece perversa, mas que só percorre um caminho “justo e perfeito”, e vão se construindo num diálogo contínuo entre a consciência e as experiências adquiridas,

processo esse que em nada difere na essência entre os seres, até mesmo as mais elementares formas de vida, mas muito diferente entre si em grau e em nível de complexidade.

A Bíblia nos diz que Adão foi o protótipo do ser humano, e que o Criador entregou a ele um Paraíso com tudo pronto, que foi recusado por não resistir ao tédio desse legado, e, graças a sua rebeldia, hoje temos a liberdade de ganhar o pão com o fruto de nosso trabalho e o livre-arbítrio de fazer tudo que estiver dentro de nossas forças. Teria ele transformado aquilo que seria uma punição para toda Humanidade em um livramento? (Gênesis 3:19). É o Criador nos ensinando a importância da liberdade.

A figura metafórica da expulsão de Adão e Eva do Paraíso tem muito a ver com o nascimento do homem que fora expulso do útero materno, sem direito a defesa, onde todas as necessidades também eram supridas, passando, assim, a viver num mundo desafiador em que a paz só é encontrada quando se busca de novo o Paraíso dentro de si mesmo. Somos impedidos desse desfrute quando procuramos do lado de fora aquilo que está no nosso interior.

Nas diversas culturas e em épocas diferentes, começou o homem a questionar – e a se questionar – sobre a sua existência, criando divindades ligadas a fenômenos naturais e até panteões divinos, onde figuras mitológicas híbridas de homens e animais interagem entre si e com os humanos e aí criavam enredos fartos de brigas e reconciliações. Em algumas civilizações, a incompreensão da divindade levava homens a fazerem oferendas de sacrifícios humanos para aplacar a ira dos deuses.

Com base nesses fatos históricos, podemos afirmar que ao homem foi dado poderes para

imaginar Deus de acordo com sua necessidade, numa interação abstrata entre a razão para entender o mundo material e seus movimentos e a fé para entender seu Criador. Essa espiritualidade imanente, acompanha a Humanidade como parte dos instintos de defesa e gratidão, assim como comer e dormir.

Zoroastro, um profeta avatar algumas vezes citado nos manuais da Maçonaria, viveu aproximadamente há 2.500 anos na antiga Pérsia, foi um dos precursores do monoteísmo. Por motivos bélicos e para a unidade do povo, os judeus adotaram essa cultura de um só Deus, que se expandiu até o Ocidente e, a partir daí, “o Senhor dos Exércitos”, assim chamado, prometeu vitórias em batalhas em troca da fidelidade religiosa.

Segundo a Bíblia, esse Deus guerreiro dialoga com o seu povo e pune com rigidez seus erros. Profetas e avatares intermediavam e recebiam as orientações a serem repassadas.

Para os cristãos, Jesus Cristo é literalmente o filho unigênito de Deus, com poderes sobre a vida e a morte. Seus ensinamentos permanecem vivos, resistindo há mais de dois mil anos. Enfrentou o Império Romano e morreu crucificado. Obviamente, a noção de um homem sofrer uma morte horrível e voltar à vida três dias depois desafia a lógica e a razão, fato que poderia ser descartado como uma questão de fé, entretanto, todos que testemunharam ver Jesus ressuscitado enfrentaram suas mortes de formas horríveis, e nenhum deles negou esse testemunho.

Muitas organizações religiosas e afins foram criadas com a finalidade de fazer o ser humano se diferenciar do instinto animal no convívio em sociedade através de louvação e respeito ao Criador.

A Maçonaria faz parte desse contexto, selecionando homens livres e de bons costumes para tornar mais feliz a Humanidade. Denomina o Princípio Criador de Grande Arquitecto do Universo para se diferenciar das religiões. A espiritualidade dos seus iniciados tem a ver com a qualidade do espírito, independentemente da fé que professam em qualquer religião. Religiões constroem templos e catedrais para, através deles, chegarem até Deus, a espiritualidade ensinada na Maçonaria constrói templos interiores desprovidos da materialidade, um estado de espírito onde se pratica o amor e a tolerância com responsabilidade. Algumas religiões tendem a aprisionar a mente de seus adeptos, preocupando-os com o passaporte para a vida eterna e a fuga de punições. A Maçonaria, ao contrário, é libertária.

O homem é um animal que precisa evoluir para se completar, possui algo divino, que são as faculdades racionais, é o único que sabe que vai morrer e se refugia na imortalidade do espírito. A beleza dessa jornada está na busca de Deus, mesmo sabendo que nunca ninguém O encontrou, porque se O encontrasse, a jornada terminaria aí. Acontece, porém, que essa busca termina sempre numa encruzilhada, e a pessoa acaba se encontrando com ela mesma, e a consciência acaba por subir para patamares mais elevados. ◆

Bibliografia

- *Uma Breve História do Tempo* (Stephen Howking)
- *Torne-se quem você é* (Osho)
- *O Ser Quântico* (Dana Zohar)
- *Palestras* (Enéas Carneiro)
- *Zelota* (Reza Aslam)

EGRÉGORA

Irmão Roberto Trindade

Loja União e Solidariedade, 387 - Oriente de São Paulo

Quando nosso íntimo nos leva a agir, devemos ponderar cuidadosamente sobre a melhor maneira de corresponder ao bem do todo, à felicidade duradoura do próximo, à essência eterna.

(Rudolf Steiner)

Egrégora, do grego *egrégorein*, significa velar ou vigiar. É uma força gerada pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com finalidade específica. Podemos entender o conceito como um campo de energias extrafísicas criadas no plano astral a partir da energia emitida por um grupo de pessoas através dos seus padrões vibracionais.

Para Jules Boucher, egrégora é uma palavra que no livro de Enoch designa os anjos que juraram vigiar e proteger o Monte Hérmon. O termo pode ser traduzido por “entidade vigilante”. Assim, a Egrégora (*egrégore*) “é uma entidade, um ser vigilante coletivo produzido por uma assembleia (...) que o alimenta”.

Segundo as doutrinas que aceitam a existência dessa energia coletiva, ela está presente em todas as coletividades. Agregação, como descreve o *Dicionário Aurélio*, é reunir-se, congregar-se, juntar-se, associar-se, viver em união, em harmonia.

Quando em egrégora, a energia é deliberadamente gerada, formando um padrão e mantendo a tendência de influenciar o meio ao seu redor. Assim sendo, podemos entender que egrégoras são campos ou concentrações de energia. Quando várias pessoas têm um mesmo objetivo comum, essa energia se agrupa e se organiza no que denominamos de egrégora.

Esse é um conceito místico com vínculos muito próximos à teoria das formas-pensamento, onde todo pensamento e energia gerada têm existência, podendo circular livremente pelo cosmo.

A formação da egrégora maçônica está declarada explicitamente na Bênção da União no Livro da Lei, Salmo 133:1-3: *“Oh, quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Aarão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hérmon, que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre”*.



Um possível exemplo bíblico de egrégora pode ser observado quando Jesus disse “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mateus 18:20).

Para o irmão Rizzardo da Camino, em sua obra *A corrente da Fraternidade*, a Egrégora Maçônica “surge com a abertura do Livro Sagrado e eclipsa-se quando ele é fechado”.

Segundo o mesmo autor (1993), o conceito chegou à Maçonaria na primeira metade do século 20, na França, de onde se espalhou por volta do ano de 1935.

Oswald Wirth fez a introdução do conceito ocultista e mágico de egrégora por volta dessa data. Wirth afirma na obra *O Livro do Mestre* (reeditado em 1972) que Guaita fez perceber a existência do “espírito” chamado egrégora, formado em qualquer grupo humano, seja grande ou pequeno.

Também em 1935, aparece pela caneta de Marius Lepage o primeiro artigo maçônico em que a palavra egrégora é associada com o conceito ocultista. Tratava-se de um novo estudo sobre a Cadeia de União, que sete anos antes, no mesmo jornal, Oswald Wirth já havia publicado uma versão inspirada em Guaita onde a egrégora da loja foi descrita, mas não nomeada.

Foi Jules H. Boucher (1902-1955) quem deu corpo ao conceito de egrégora utilizado atualmente. Como membros da Maçonaria Universal, fazemos parte da Egrégora da Ordem.

A Sociedade Teosófica de Madame Blavatsky influenciou muito a mente dos irmãos maçons, seduzidos por suas teorias de cunho oriental, relacionadas com o espiritismo, com seus planos de existências astrais, com mestres superiores. O ponto de vista defendido pela Teosofia encontra eco em diversas outras linhas de pensamento, especialmente religiosas. Segundo a Teosofia, fun-

cionariamos como um rádio, sintonizando, através de nossos pensamentos e emoções, as frequências das egrégoras ao nosso redor e, dessa forma, potencializando seus efeitos, tanto em nossos corpos quanto na própria egrégora, o que tornaria sua existência mais longa.

Sobre o poder da egrégora, Helena Blavatsky (1897) escreveu: “*Há um caminho íngreme e cheio de espinhos, rodeado de perigos de todo tipo – mas ainda assim, um caminho; é ele que leva até o coração do Universo. Posso dizer a vocês como encontrar aqueles que lhes mostrarão o único portal secreto que conduz ao interior(...) Para aqueles que vencem, há uma recompensa de valor indescritível: o poder de abençoar e salvar a humanidade*”.

Assim, ocultistas, magos e cabalistas corroboraram com o desenvolvimento do conceito de egrégora. Entre eles, citaremos Alexandre Saint-Yves d'Alveydre (1842-1909), Eliphas Levi (ou Alfonse Louis Constant - 1810-1975) e Stanislas de Guaita (1861-1898).

Saint-Yves d'Alveydre era uma espécie de visionário, o primeiro a evocar, embora não tenha nomeado, a noção de egrégora. Na obra *Missão dos judeus* (1884), inspirado pelo “poder e a origem sobre-humana dos judeus, disse que se pode criar espontaneamente um ser oculto coletivo, dotado de um poder enorme”.

O formalizador do conceito ocultista da egrégora foi Eliphas Levi, cujo verdadeiro nome era Alphonse-Louis Constant. Em uma obra póstuma, com o título de *O Livro dos Esplendores*, foi mencionada pela primeira vez a palavra egrégora. Sua inspiração vem de uma tradução em inglês de um texto etíope do *Livro de Enoque*. Ali, assimila os “anjos” com os “vigilantes” que são nomeados como egrégoras (com dois G).

E, finalmente, Stanislas de Guaita, que publicou em *A chave da magia negra* (1897) e contribuiu para o conceito com suas reflexões mais completas e precisas sobre as egrégoras dos ocultistas. Wirth, maçom e admirador ocultista, era um fervoroso discípulo de Stanilas de Guaita.

Alguns autores afirmam que é uma variação do conceito de inconsciência coletiva, abordado por Carl Gustav Jung. Nesse sentido, egrégoras são arquétipos nos quais depositamos energia e fé através de cultos, orações, oferendas...

Uma egrégora positiva protege, atrai boas energias, promove o crescimento, é curativa e te induz para uma vida plena de felicidade e realizações. Egrégoras são repletas de emoção. A etimologia da palavra “emoção” indica que ela tem origem no latim, na palavra *ex movere*, que significa “mover para fora”. As emoções são energia: elas nos criam e nos transformam, criam a nossa realidade e a energia emocional transforma a vida.

A Física Quântica nos provoca afirmando que somos energia e estamos todos conectados através de nossa vibração. No nível atômico, não existe matéria. Tudo é vibração e energia condensada. Na realidade do universo, não existe matéria sólida nenhuma, não existe massa, existe apenas energia.

Essa energia é perceptível em locais sagrados. Locais sagrados têm egrégoras poderosíssimas, formadas pela fé e mentalizações dos devotos. Os maiores centros de devoção no mundo são: Santuário Meiji e Templo Sensoji (Tóquio – Japão, 30 milhões de visitantes/ano); Templo Kashi Vishwanath (Varanasi – Índia, 21,9 milhões de visitantes/ano); Catedral de Notre Dame (Paris – França, 13,6 milhões de visitantes/ano); Basílica de São Pedro (Vaticano, 7 milhões de visitantes/ano); Santuário de Nossa Senhora de

Lourdes (Lourdes – França, 6 milhões de visitantes/ano); Muro das Lamentações (Jerusalém, 5 milhões de visitantes/ano) e Mesquita Azul (Istambul – Turquia, 5 milhões de visitantes/ano).

Esses locais possuem egrégoras formadas pelas energias psíquicas de seus frequentadores. Essa é a explicação oculta da realização de grande parte dos milagres que acontecem. Quando alguém consegue canalizar para si as energias psíquicas acumuladas na egrégora, provoca o conhecido milagre.

A Maçonaria trabalha com egrégoras de amor, paz e esperança. Essas egrégoras tendem a se perpetuar. Elas farão com que as pessoas que as criaram continuem vibrando nessa determinada frequência. E a vibração predominante da egrégora irá influenciar outras pessoas que adentrem seu local de atuação, fazendo-as vibrar nessa mesma frequência. Essas emanções nascem no nosso espírito e liberam energias vitais sutis que são recolhidas pelo Plano Superior e levadas para os alvos e objetivos escolhidos, bem como para outros locais onde os mentores acharem por bem distribuí-las.

Intensifiquemos nossos esforços conjuntos nessa época de pandemia, para assim criarmos imensas e positivas egrégoras. Essa união é tão necessária quanto os poderes alcançados com a luz, pois disso depende conduzir a Terra para um nível mais elevado. Somos todos um e conectados por uma grande teia energética. Que os fios que nos conectam sejam apenas os de paz e amor, união e solidariedade. ◆

Referências

BLAVATSKY, H. *Isis sem Véu*, 1877.

_____. *A Doutrina Secreta*, 1897.

BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica: Segundo as Regras da Simbólica Tradicional*. 11.ª Edição. São Paulo: Pensamento, 2006.

DA CAMINO, Rizzardo. *A corrente de fraternidade*. São Paulo: Ícone Editora, 1993.

LEVI, E. *Ciências Malditas*, 1890 – 5 Volumes

O mito de Teseu e o Minotauro e o Iniciado

Irmão Erik Silva Imiani

Loja Merkabah, 569 – Oriente Guarulhos

A palavra “mito” nos dias atuais é tida como algo falso. É comum as pessoas associarem os mitos como uma estória, uma lenda, uma mentira. Acontece que não é assim que devemos interpretar os mitos. Na antiguidade, os mitos tinham o papel de transmitir conhecimentos e, consecutivamente, valores, modelos de conduta moral e formação humana, fornecendo chaves simbólicas que elevavam a condição humana, o homem em herói.

Pretendemos de uma maneira muito humilde “filosofar” sobre o tema e trazer elementos reflexivos e práticos para o dia a dia. Não pretendemos com o presente escrito esgotar o tema e pedimos compreensão se, por ventura, cometermos eventuais enganos.

O mito que pretendemos sucintamente discorrer trata, em síntese, de um herói chamado Teseu, que em dado momento aceita o desafio e adentra em um labirinto onde residia o Minotauro, labirinto esse de onde ninguém jamais conseguiu retornar, ou porque não encontravam o caminho de volta, ou porque a besta alimentava-se de suas vítimas. Aqui, já começamos a definir o que seria o Minotauro, um homem com a cabeça de touro, ou seja, a parte animal subjugando o homem, o melhor, a parte animal dominando o intelectual, noção contrária do que oferece o Centauro, no qual a parte humana prevalece sobre o animal.

Teseu recebe de uma moça chamada Ariadne um novelo de lã, que ao ser desenrolado serviria para marcar o caminho de volta. O herói, então, dá combate ao monstro e o mata.

Posto, resumidamente, vamos nos aprofundar no sentido mais filosófico e educativo do mito. Teseu figura como o herói, ou seja, o homem que, quando munido de um ideal mais nobre e elevado e disposto a romper a vida material e rotineira, resolve combater o monstro (vícios, vaidades) e adentra no labirinto (interior do homem).

Notamos, assim, que o mito deve ser vivido por todos nós, quando resolvemos praticar as virtudes e valores verdadeiramente humanos, assumindo o controle de nós mesmos, não deixando que a nossa parte animalesca (satisfações mundanas) subjugue o real ideal humano. É premissa, no entanto, conhecermos a nós mesmos. O novelo de lã, por sua vez, é interpretado como sendo nossa parte racional, aquela que servirá de guia para que, quando mergulharmos em nossa parte mais profunda, possamos retornar com segurança ao mundo sensível.

Assim, meu caro leitor, sejamos esse herói e encaremos a fera que reside em nós, para que, todo dia, paulatinamente, vencedores regressemos ao mundo material mais iluminados e conscientes da nossa verdadeira missão como seres humanos. Pratiquemos nossas virtudes, pois, estas sim, nos diferenciam do animal.

Levantemos templos às virtudes e cavemos masmorras aos vícios! ◆

VIRTUDE

Irmão Luiz Roberto Vasconcellos Boselli
Loja Zênite, 441 - Oriente de Marília

*A única
vida que
vale a pena
viver é
uma vida
virtuosa.*

(Sócrates: 469-399 a.C.)

Como homens livres e de bons costumes, durante este histórico período pandêmico (deveras melancólico), nós, maçons, tivemos e temos inúmeras oportunidades de vivenciar plenamente nossas virtudes. E, como somos livres, o nosso livre-arbítrio maçônico foi e é nosso guia. Atuar maçonicamente significa vibrar positivamente em atos e ações – solidárias e cooperativas – desenvolvidas no mundo profano. Mesmo porque, melhorar as condições de vida das pessoas e engendrar felicidade a toda humanidade é nossa nobre missão maçônica.

Usualmente, quando acontecem crises sociais/políticas ou desastres/catástrofes naturais no mundo profano, é comum as virtudes se tornarem a razão de ser de cidadãos/maçons cooperativos e solidários às dores alheias. Entretanto, devemos ter a clareza de que tanto as nossas virtudes pessoais como as virtudes maçônicas são adquiridas durante o nosso existir social.

Aristóteles (384-322 a. C.), ao conceituar virtudes, as define como hábitos adquiridos e que “não existem virtudes inatas”. Assim, adquirimos todas através dos hábitos modelares no convívio familiar. Segundo Winnicott (1989) – pediatra e psicanalista inglês – “tudo começa em casa”. Compreendemos que, de maneira geral, virtude é como uma qualidade do que se configura como aceito, como correto e desejável – do ponto de vista da moral, da religião, do comportamento social, do dever e da eficácia. As qualificações dessa magnitude são encontradas em homens de bem na sociedade profana e em nossa Fraternidade, de maneira geral, nos obreiros de nossa Ordem. Quando todos nós, seres humanos, “ganhamos” a luz no mundo profano, iniciamos a nossa trajetória humana inseridos em um momento histórico-social. Essa introdução no contexto social é realizada pela nossa socialização, inicialmente, a primária e, posteriormente, a secundária.

A socialização primária ocorre dentro de um agrupamento familiar. É no âmbito desse grupo que adquirimos a nossa linguagem. Durante essa convivência, interiorizamos os valores e as crenças que permeiam o grupo familiar. Aprendemos com nossos pais, irmãos, parentes próximos, animais e plantas. Desenvolvemos habilidades e incorporamos aprendizagens. Enfim, interagimos e aprendemos com todos os elementos presentes no universo familiar. Muito do que seremos e faremos no mundo profano será a expressão do que está presente em nossa subjetividade (nosso universo interior), esta que é resultante das referências de objetividade e de subjetividade vivenciadas nesse processo socializante inicial.

A socialização secundária acontece no contexto social externo ao meio familiar. É quando passamos a frequentar escolas, clubes, associações, partidos políticos, turmas etárias e grupos socialmente estruturados e com específicos objetivos. A vivência desse processo social irá perdurar enquanto existirmos como seres humanos sociais – cidadãos. Nossa inserção no contexto social mais amplo nos proporciona a aprendizagem das funções mais específicas das instituições, as subdivisões do contexto social concreto e as representações ideológicas da sociedade na qual estamos inseridos.

Durante a vivência desses processos socializantes, ocupamos o lugar de aprendiz de ser humano social e, como cidadãos, devemos ser cômicos dos eixos éticos e existenciais da cida-

dania: saber – ciente do contexto do aqui agora; dever – consciência de deveres e direitos; querer – motivações pessoais e profissionais; fazer – atuar cooperativa e solidariamente como sujeito de suas ações, porém, preservando sua individualidade e sua singularidade.

Pinsky (2003) aponta que ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis concretamente passíveis de usufruto. Em relação, aos eixos éticos e existenciais da cidadania, apontados acima, podemos notar que se coadunam integralmente com os nossos básicos princípios maçônicos, com os quais devemos magnanimamente fazer a diferença na sociedade profana. A nossa atuação como maçons no universo profano deve ser paradigmaticamente reconhecida como uma participação de homens livres e de bons costumes.

Rodrigues (2006) lista 18 virtudes: Benevolência, Humildade, Paciência, Desapego, Tolerância, Sinceridade, Retidão, Discrção, Beneficência, Lealdade, Pacificidade, Perseverança, Disciplina, Sabedoria, Prudência, Justiça, Temperança e Coragem. Todavia, destacamos cinco virtudes, das listadas acima, que em nosso entendimento abarcam, de certa maneira, todas as outras: Beneficência, Benevolência, Tolerância, Perseverança e Sabedoria. Dentre estas, distinguimos a suprema Tolerância, pois a sua essência está presente em todas as outras – ela é o esteio nobre do caráter ético maçônico.

Consoante Guimarães (2010) “... a conduta moral, observada sob o enfoque dos homens livres e de bons costumes, não se resume a atos morais esporádicos e fortuitos, mas, sim, a repetição continuada do ato de agir moralmente”. Agir e atuar com tolerância é uma postura maçonicamente exemplar, um virtuoso exemplo de ser humano.

Em nossa trajetória social, como cidadãos no mundo profano, estamos sempre escolhendo os caminhos que melhor nos satisfazem, plena ou parcialmente. Nossas escolhas, embora tenham elementos da nossa dinâmica familiar, são passíveis de alterações, em razão do conhecimento de outros referenciais, percebidos no meio social externo ao agrupamento familiar. Nesse caminhar social, como aprendiz de cidadão, muitas vezes escolhemos e/ou somos escolhidos por pessoas, grupos sociais, instituições, clubes e outras situações. Sendo assim, cabe a nós aceitarmos ou recusarmos, segundo nos aconselham os nossos valores culturais/políticos/religiosos/ideológicos. Processo semelhante é quando vivenciamos o acolhimento maçônico, ou seja, a partir do momento em que somos escolhidos no mundo profano e, assim, iniciados, começando a nossa iluminada trajetória na sublime e secular instituição, a Ordem Maçônica.

Como obreiros, sabemos que a Maçonaria, que é uma instituição mundial e tem como nobre missão contribuir com a felicidade hu-

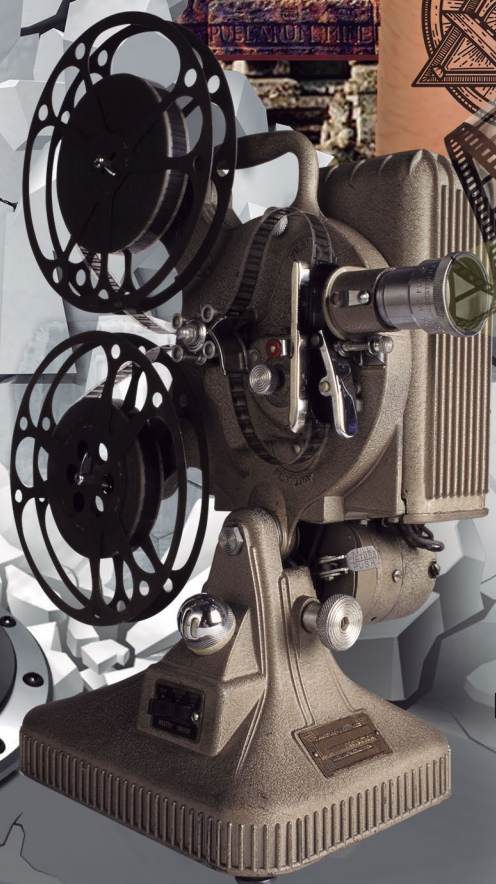
mana, não produz obreiros virtuosos. Entretanto, oferece instrumentos/estudos/rituais que acrescentam significativos adendos filosóficos e informativos culturais maçônicos que ajudam aos obreiros a crescerem, tanto como maçom, quanto pessoa.

Kant (2008) afirma que “...todo ser humano tem o dever de se aprimorar, cultivando seu corpo e seu espírito para estarem prontos para quando a sua razão ou os acontecimentos de nossa existência deles necessitem”. Viver e atuar virtuosamente, condição configurada como uma dádiva familiar, como sujeitos/maçons de nossa história, provendo sempre com sabedoria e perseverança, as nossas magnânimas e éticas ações maçônicas. ◆

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GUIMARÃES, João F. *Cartilha Maçônica*. São Paulo: Madras, 2010.
- KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- PINSKY, Jaime, e PINSKY, Carla B. (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Editora Contexto, São Paulo, 2003.
- RODRIGUES, Robson. *O ideal ético em dezoito virtudes*. Rio de Janeiro: Editora R. Rodrigues, 2006.
- WINNICOTT, Donald W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

SOIS MAGOM?



Irmão Humberto do Nascimento Filho
Loja Caridade, 712 – Oriente de São Paulo

*“Todo aquele
que faz a
vontade de
meu Pai,
esse é minha
mãe e meu
irmão ...”*

Jesus (Mt 12:50)

Começo esta reflexão com a pergunta “Sois maçom?”, que nos é conhecida há tempos. Mas antes da resposta que certamente aflorou na mente de cada um, peço acompanhar-me no raciocínio.

O verbo ser, assim como os verbos estar, ficar, parecer, permanecer e continuar, entre outros, são considerados verbos de ligação, fazendo uma “ponte” entre o sujeito e o predicativo, ou seja, aquilo que atribui uma característica ao sujeito.

Obviamente, não quero aqui tomar o tempo de ninguém num estudo de gramática, até porque não detenho conhecimentos para tal, mas propor uma reflexão sobre a importância da pergunta e, mais ainda, sobre a congruência da resposta.

Se a pergunta fosse “Estais maçom?” ou “Pareces maçom?”, qual seria a resposta correta? O verbo ser, diferentemente dos outros, demonstra uma condição permanente, inata, imutável. Já o verbo estar, como os demais, registra uma condição provisória, temporária, que pode ser mudada a qualquer momento.

De outro modo, se estivéssemos usando uma simbologia voltada às artes visuais, talvez pudéssemos dizer que em todas essas outras perguntas estaríamos nos referindo a uma “foto”, que retrata um momento específico. Enquanto na pergunta original, a referência clara seria a de um “filme”, uma vida. E isso faz uma grande diferença!

Ora, se a dúvida do Venerável Mestre fosse indagar se o Primeiro Vigilante fora devidamente iniciado, seria completamente sem sentido, visto que ninguém adentra ao templo, quando em loja, sem ser conhecido de outros irmãos ou provar ser maçom.

Muito menos assumiria a coluna da Força se não fosse obreiro conhecido e eleito para tal ofício. No entanto, essa pergunta é feita na abertura de todos os nossos trabalhos: Sois maçom?

Estendendo ainda esse raciocínio, no dia de nossa Iniciação, ouvimos, antes de nosso juramento, os principais deveres de um maçom, quais sejam, resumidamente: o silêncio sobre o que chegar a ver e ouvir em loja; a sujeição consciente aos Landmarks, Constituição, Códigos e Regulamentos Maçônicos; e a prática constante da virtude.

É nesse último dever, o de mais longa explanação dos três, que ouvimos, entre outras coisas, que toda ocasião perdida de sermos úteis será uma infidelidade e todo socorro recusado será um perjúrio.

Falamos em virtude e como nos reunimos em loja para, também, levantarmos templos à ela, virtude, me parece oportuno avançarmos um pouco mais. Segundo Platão, no livro IV de *A República*, quatro são as virtudes cardeais: Prudência (Sabedoria), Força, Justiça e Temperança (Moderação). Seriam esses os requisitos mínimos para que uma cidade tivesse seu funcionamento racional.

Óbvio está que, sendo virtude uma qualidade moral, se entende que são os habitantes da cidade que devem possuí-la, e não os prédios ou edificações materiais, por certo!

Já no Livro da Sabedoria, do Antigo Testamento, concordando com a mesma ideia fundamental, lê-se: “Quando alguém ama a justiça, é a sabedoria que produz estas virtudes: ponderação, prudência, justiça e coragem, que são as mais úteis para a vida dos seres humanos”.

Assim, sendo a Maçonaria uma instituição que tem por objetivo tornar feliz a Humanidade, são essas virtudes, então, que resumem as qualidades morais necessárias ao convívio fraterno e harmonioso. E como explicitado no último postulado registrado em nossos rituais, “esses ensinamentos induzem os maçons a se dedicarem à felicidade de seus semelhantes”.

Dito isso, bastará não ter praticado o mal para que seja possível responder afirmativamente à pergunta que deu título a esta reflexão? Não!

Parece claro que cumpre fazer o bem no li-

mite de suas forças, frase que alguns aqui já ouviram e que se adapta perfeitamente ao esperado de um maçom.

Há mais, no entanto, a explorar, porque além das quatro virtudes cardeais, com toda simbologia que conhecemos do número 4, o Painel da Loja de Aprendiz apresenta também mais três virtudes, chamadas teológicas: Fé, Esperança e Caridade.

Assim, poderia se dizer que maçom é aquele que levanta templos à virtude, buscando na prudência a sabedoria para suplantar a ignorância, os preconceitos e os erros, próprios e alheios, com temperança para respeitar as crenças de cada um e com a força de sua fé para nunca esmorecer. E que segue glorificando o direito, a justiça e a verdade, esperando que o mundo alcance a felicidade geral e a Paz Universal. Mas não termina aí a sua tarefa.

Paulo de Tarso, num poema belíssimo, nos lembra que mesmo reunindo todas essas qualidades da frase acima, ainda assim não seria o suficiente. Diz-nos o Apóstolo dos Gentios: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria. Ainda que distribuisse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria”.

Mesmo falando a língua dos homens e dos anjos, ou seja, tendo a sabedoria da palavra para falar das coisas terrenas e das coisas divinas, se elas não servirem para edificar, serão vazias.

Posso conhecer todos os mistérios e toda a ciência, galgar os mais variados graus e degraus, deter o conhecimento da realidade da vida espiritual e das descobertas científicas. Mas se tudo isso não for usado para elevar o próximo, de nada serve. Basta lembrar que Jesus disse “a cada um de acordo com as suas obras”. Conhecimento é o instrumento; caridade, a obra feita!

Se tenho a fé que pode transportar as montanhas, sustentada pela coluna da convicção das verdades divinas, mas ela nada produz no sentido de revestir-me de coragem para cavar masmorras aos vícios, notadamente o orgulho e o egoísmo, estarei vazio, como lembra Tiago em sua epístola: “Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem”. Ou seja, como ele mesmo diz, mostra-me a tua fé que te mostro as minhas obras.

Entre as obras possíveis, certamente a de distribuir bens em esmolas é praticar a caridade material, o que é louvável. Mas nem ela basta, porque a mensagem de Jesus é mais ampla, quando diz que veio para que todos tenham vida, e vida em abundância.

Porque nem só de pão vive o homem.

Ainda que o testemunho fosse a morte do próprio corpo, como dos mártires do Cristianismo ou de muitos irmãos que sofreram perseguição por serem maçons, nem mesmo assim, faltando a caridade, teria adiantado.

Porque a caridade é a exemplificação máxima do resumo da Lei: amar ao próximo como a si mesmo; fazer ao outro o que gostaria que te fizessem. Quando não há caridade, a Lei não está sendo cumprida. E a evolução, destino final da humanidade, não estará aconte-

cendo em sua maior expressão.

Para que exista caridade na ação empreendida, é preciso que exista um desejo ardente e sincero de fazer pelo outro o que gostaria que me fizessem, sem nenhuma outra intenção que não a de edificar, ornando o Templo Vivo onde habita o divino em nós.

A pergunta inicial ganha, enfim, mais de sua profundidade moral e responsabilidade social.

Sois Maçom?

Ora, se respondesse simplesmente que sim, estaria desafiando a lógica do progresso evolutivo, já que evoluindo a cada dia, todos os dias eu preciso rever se meus atos para com os outros estão de acordo com o que eu gostaria que me fizessem, na mesma situação.

Por outro lado, respondendo simplesmente que não, desonraria o avental que simboliza a Lei do Trabalho constante no próprio burilamento, idealizado na estátua Self Made Man, de Bobbie Carlyle.

Visitando constantemente meu interior e retificando o que não mais se adapta à construção pretendida, a cada dia sou convidado a encontrar a pedra que ajude a construir a escada rumo à perfeição relativa.

Assim, como eterno aprendiz, minha resposta deve lembrar que todos os meus esforços são para que aqueles que fazem a vontade do Grande Arquiteto do Universo, meus irmãos de humanidade, com ou sem avental, a cada dia me reconheçam como tal. ◆

Bibliografia:

- *A Bíblia Sagrada*
- *Ritual do Simbolismo - Aprendiz Maçom* (Glesp)
- *A Republica*, Platão
- *Novíssima Gramática*, Cegalla



O UNIVERSO DO MAÇOM



Irmão Gilberto Madeira
Loja Templários de Vinhedo, 355 - Oriente de Vinhedo

Nos últimos tempos, venho pensando bastante sobre o Universo e suas implicações. Tenho procurado compreender o que diz a Física e seus estudiosos, ainda que não me seja fácil absorver seus conceitos. Tenho procurado ouvir filósofos, os de antes e os de hoje. Tenho procurado conhecer o que dizem as correntes ditas esotéricas. Tenho ido a lugares/cidades de onde se diz haver influências de energias, bem como convivência com valores e crenças espirituais e suas alternativas. Tenho procurado apreender dos meus irmãos, Mestres experientes e de aventais manchados pela labuta, o conhecimento que eles adquiriram em suas caminhadas maçônicas.

Embora consciente de que os ganhos do meu aprendizado não representam a verdade plena, levando em conta que hoje só consigo ver em parte, decidi escrever este texto, para compartilhar com os demais irmãos as impressões que venho obtendo em meu ser e mente, como fruto dessas minhas pesquisas, e visando provocar reflexões que venham a gerar mais interesse, pesquisas e conhecimento sobre o Universo, desejando, também, que esse tema seja aprofundado por outros irmãos mais versados e capazes do que eu para lidar com esse tema.

Universo, palavra que deriva do latim *universum*, foi usada, inicialmente, por Cícero e, posteriormente, por outros autores, com o mesmo sentido que é empregada atualmente. A interpretação linguística que se faz dessa palavra é “tudo girando como um” ou “tudo girando através de um”.

Isso nos leva à compreensão de que o Universo é um todo em si mesmo, embora fragmentado pelos corpos que o compõe, numa dinâmica giratória em torno de algo central, ou por meio de algo que o impulsiona nesse seu movimento.

Essa definição me leva ao relato bíblico sobre a criação do Universo, feito por Moisés e encontrado no livro de Gênesis, capítulo 1, versículos 1 e 3: “No

princípio criou Deus os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo. [...] E disse Deus: Haja luz [...]”.

Também me vem à memória a criação do homem, narração essa encontrada em Gênesis, capítulo 2, versículos 4-7: “Esta é a história do início da humanidade, no tempo em que Deus criou o céu e a terra: Não havia ainda brotado nenhum arbusto sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque o Senhor não havia feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, fontes de água brotavam da terra e regavam toda a superfície do solo. Então o Senhor modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente”.

Em ambas as situações, chama-me a atenção a existência de uma ação que demandou o uso do fôlego de Deus. Numa, ao pronunciar o “Haja Luz!”. Na outra, para inocular vida no homem. Nos dois casos, vale destacar, houve uma erupção de vida.

Perseguindo esse tema no âmbito da Ciência, a origem do Universo tem sido um assunto estudado e debatido com intensidade, resultando em diversas teorias, dentre elas, a que é mais aceita atualmente pelos cientistas é a Teoria do Big Bang.

Sugerida primeiramente pelo padre e cosmólogo belga Georges Lemaître, a Teoria do Big Bang preconiza ter havido uma grande explosão como início de tudo, onde um único átomo (átomo primordial), infinitamente denso e muito quente, concentrou tanta energia que explodiu e deu origem ao Universo, propondo, então, que o Universo teria tido um início repentino.

A partir da explosão daquele núcleo de altíssima densidade e temperatura, o Universo entrou em um estado de expansão, resfriamento e formação de matéria. Assim, originaram-se as galáxias, as estrelas e os planetas, e proporcionou condições à vida.

Robert Woodrow Wilson, Prêmio Nobel de Física em 1978, na sua teoria sobre a matéria quântica do Universo, afirma que todas as coisas podem ter se derivado do “Nada” (anterior ao Big Bang, portanto). Em sua visão, o Nada é uma criação espontânea correspondendo a um ponto crítico instável, uma fase material de transição da qual as partículas elementares emergiram. Seria, por acaso o “A terra era sem forma e vazia” citado por Moisés?

No Hermetismo, o conceito da criação do Universo pode ser observado no 1º Princípio: O Princípio do Mentalismo, que preconiza que o Todo é mente; o Universo é Mental.

Assim, explica que o mundo ou Universo não passa de uma criação mental do Todo, sujeita às Leis das Coisas Criadas, e o Universo, como um todo, em suas partes ou unidades, tem sua existência no Todo, em cuja Mente “vivemos, nos movemos e temos nossa existência” (ATKINSON, p. 59).

Segundo essa filosofia, esse princípio contém a verdade de que Tudo é Mente.

Explicando que o Todo – a Realidade Substancial que subjaz a todas as manifestações e aparências que conhecemos pelo nome de “Universo Material”; “Fenômenos da Vida”; “Matéria”; “Energia”, em suma, tudo o que é evidente a nossos sentidos materiais – é espírito, que, em si mesmo, é incognoscível e indefinível, mas que pode ser considerado como uma mente universal, infinita e vivente. “A Mente Infinita do Todo é a matriz do Universo” (ATKINSON, p. 85).

Para Isaac Newton, “[...] O próprio tempo era considerado eterno, no sentido de que sempre existira e sempre continuaria a existir [...]” (HAWKING, p. 40).

O filósofo Immanuel Kant, incomodado com essa afirmação de Newton, questiona se o Universo de fato fora criado, e porque existira uma espera infinita antes da criação. Seria, ou será, o tempo o Grande Arquiteto do Universo, e que só a Ele cabe determinar o

momento para cada coisa acontecer?

Kant chamou esse problema de “antinomia da razão pura”, pois lhe pareceu ser uma contradição lógica – e não tinha solução. Contudo, essa contradição existia apenas no contexto do modelo matemático newtoniano, em que o tempo era uma linha infinita, independentemente do que estivesse acontecendo no Universo (HAWKING, p. 42).

Sabe-se, hoje, entretanto, que o Universo é multidirecional e se expande em todas as direções.

Postas essas fundamentações (dentre muitas outras existentes) que objetivam homogeneizar minha linha de raciocínio, volto-me para as questões que me motivaram a escrever este texto.

Como é a criação do Universo para o maçom? Qual o Universo do maçom?

Começo tentando responder a essas questões trazendo à luz o Artigo I do Preâmbulo da Constituição que rege a Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp), que diz: “[...] a Maçonaria proclama, desde a sua origem, a existência de um Princípio Criador, ao qual, em respeito a todas as religiões, denomina de Grande Arquiteto do Universo [...]”.

Assim sendo, pode-se depreender que, para nós, maçons, a criação do Universo passa por uma Mente Infinita, incognoscível, que, em algum momento disse “Haja Luz!” e que soprou o fôlego de vida no homem, tornando-o ser vivente. Isso pode muito bem ser o Big Bang da Ciência, vista por outro ângulo, bem como o tempo propício ao estabelecimento do homem no Universo.

Albert Einstein, ao falar “da razão poderosa e suprema que se revela no incompreensível universo”, muito provavelmente, pode ter compreendido que há algo além de uma explosão de dimensões grandiosas, sem contudo ter possuído a capacidade de desenhar essa razão poderosa e suprema sob os olhos da Física, porque ela se revela no incompreensível do Universo.

Contudo, sem querer parecer impertinente ou arrogante, tomo o preceito da Maçonaria, que incentiva o maçom, no Artigo II do Preâmbulo Constitucional da Glesp, a ter como aspiração a busca da Verdade, procurei me embrenhar nessa vastidão de conhecimento ao nosso dispor: “[...] a Maçonaria não impõe limites à investigação da Verdade, e para garantir essa liberdade, exige de todos a maior tolerância”.

Assim sendo, compartilharei minha visão sobre esse assunto, numa tentativa de investigação da verdade, mas consciente de que, nem de longe, me aproximo da realidade, levando em conta, também, que a criação do Universo apregoada pela Maçonaria é aquela que não interfere na visão e fé religiosa de cada irmão.

Nessa abertura da Maçonaria pela busca da Verdade, contudo, vejo a formação de grande sabedoria em nosso meio. A visão de cada irmão enriquece e engrandece o conhecimento maçônico, nos moldes do que disse Salomão em Provérbios 11, versículo 14: “Não havendo sábios conselhos, o povo cai, mas na multidão de conselhos há sabedoria”.

Feito esse parêntese, retomo a nossa questão inicial: Como é a criação do Universo para o Maçom?

Não há como afirmar, generalizando, como todo maçom vê a criação do Universo, mas é possível crer que o Universo foi criado por uma Mente Infinita, capaz de arquitetar um projeto e desenvolvê-lo nos moldes do que temos hoje.

Contudo, ao me perguntar sobre qual o objetivo desse projeto criador, num primeiro momento me é impossível compreender pela minha própria razão e inteligência. Aliás, digo que num primeiro, num segundo, num terceiro, num quarto momento, e por aí em diante, me é impossível compreender tal feito.

O apóstolo Paulo define essa incompreensão de uma forma magnífica: “Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus cami-

nhos! Pois, quem conheceu a mente do Senhor? Quem se tornou seu conselheiro? Quem primeiro lhe deu alguma coisa, para que Ele lhe recompense? Portanto, Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória perpetuamente! Amém!” (Romanos, 11:33-36).

Podemos, então, crer que o Universo procede, de alguma maneira, do Todo. Porém, como é impossível que alguma coisa seja criada a partir do nada, o que pode estar na base da criação do Todo?

Alguns filósofos responderam a essa pergunta dizendo que o Todo criou o Universo a partir de si mesmo – isto é, a partir do seu ser e da sua substância. Assim, crê este irmão que lhe escreve.

O Universo foi criado a partir do ser e da substância do Grande Arquiteto do Universo, numa explosão de si mesmo, do Seu ser e da Sua substância.

E sobre a segunda questão? Qual o Universo do Maçom?

Cada um de nós, seres humanos, temos o nosso universo pessoal. Para uns, ele é restrito ao seu redor, para outros, toma a dimensão dos seus sonhos. Na minha finita compreensão, acredito que a resposta a essa pergunta pode estar contida nas seguintes premissas.

O Universo do Maçom precisa ser, no mínimo, do tamanho da Maçonaria. E a Maçonaria tem a dimensão de seus séculos de existência; tem o tamanho do conhecimento produzido no decorrer dos anos; tem o tamanho dos seus símbolos, das suas analogias e dos seus profundos significados.

O Universo do Maçom é aquele que ele consegue estabelecer a partir do aprofundamento dos seus estudos maçônicos, das suas descobertas encontradas nos ensinamentos, e dos seus mergulhos nas águas de cada instrução recebida.

O Universo do Maçom é aquele, também, que envolve as práticas e ações cotidianas em prol do bem e da felicidade da Humanidade, e que o faz reconhecido como tal.

O Universo do Maçom é, ainda, aquele que está contido numa egrégora universal e fraterna intensa, onde a manifestação do ego, do orgulho, da vaidade e dos vícios é obstacularizada, e o florescimento de virtudes é favorecido.

O Universo do Maçom é, também, aquele que pode ser visto a partir de qualquer ponto em que ele esteja na escada caracol que o leva ao topo. Tanto ao olhar para baixo, que o permite ver de onde veio, como ao olhar para o alto, e ver para onde está indo.

O Universo do Maçom é aquele onde não existe o esquecimento de fazer o bem, e de repartir com outros irmãos o amor fraterno que ilumina o coração quando a tristeza da alma abate todo o seu corpo.

O Universo do Maçom é aquele que, se houver divisão no corpo, todos os membros tenham igual dedicação uns pelos outros. Porque quando um membro sofre, todos os demais sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se regozijam com ele.

O Universo do Maçom é aquele que está contido em mais de 300 anos de acúmulo maçônico de conhecimento e sabedoria.

O Universo do Maçom é aquele fundamentado no conhecimento gerado pela Maçonaria Operativa, onde Mestres produzem outros Mestres a partir dos seus Companheiros e Aprendizes.

O Universo do Maçom é aquele onde se dá continuidade à evolução da Maçonaria por meio da contaminação da sociedade pela prática do que é justo e perfeito.

O Universo do Maçom é aquele no qual os seus rastros de justiça estão marcados na areia da vida maçônica e profana.

O Universo do Maçom é aquele que está apoiado nas colunas da Força e da Beleza.

Termino, compartilhando um texto escrito pelo nosso irmão Hever da Silva Nogueira, detentor da Cadeira nº 13 da Academia Maçônica de Letras do Espírito Santo, no qual ele faz uma releitura da conhecida Oração de São Francisco de Assis:

ORAÇÃO DO MAÇOM

Ó Grande Arquiteto do Universo!

Fonte Fecunda de energia.

Concedei-me a graça de servir

Como instrumento em Vossa Infinita Construção!

Onde existir racismo e discriminação entre os homens,

Fazei de mim o Vosso Nível,

Para nivelar todas as vigas da Igualdade;

Onde houver opressão e tirania,

Utilizai-me como Fio de Prumo

Para aprumar os pilares da Liberdade;

Onde imperar a discórdia e a rivalidade,

Usai-me como Esquadro,

Para esquadrear os alicerces da Fraternidade.

Permiti, Supremo Mestre,

Que as minhas ideias sejam puras e humildes,

Para servirem de ornamento

À Coluna da Beleza.

Que as minhas condutas sejam prudentes e corretas,

Para servirem de sustentação

À Coluna da Força; e,

Que a minha consciência seja justa e perfeita,

Para servir de base

À Coluna da Sabedoria

Na edificação do Templo da Solidariedade Humana.

Amém! ◆

Bibliografia

- ATKINSON, Willian W. *O Caibalion - Edição Definitiva e Comentada*. Editora Pensamento. Edição do Kindle.
- HAWKING, Stephen. *O Universo numa Casca de Noz*. Ed. Intrínseca.
- MENEZES, Pedro. <http://www.todamateria.com.br/origem-do-universo>.
- ROVELLI, Carlo. *A realidade não é o que parece: A estrutura elementar das coisas*.
- SILVA, Roberto Aguiar S. *O Universo e a Maçonaria*.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Mecanismos da mediunidade*. FEB. Edição do Kindle.
- *Bíblia Sagrada*. Bíblia de Referência Thompson. Ed. Vida.
- Robert Woodrow Wilson. *The Nobel Prize in Physics 1978* –
In: <http://www.nobelprize.org/prizes/physics/1978/wilson/facts/>
- Wikipedia. http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Arquiteto_do_Universo



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM



R\$ 106,15

Revista em
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br

